

# a **Página** da **educação**



9 771647 324071

Série II | nº 191 | INVERNO 2010 | www.apagina.pt | 4€

## **graça morais**

É fundamental que a Escola sensibilize para a Arte e para a Liberdade de pensamento

## ouvimos **os professores**

Investimento na educação é arma para combater a pobreza e a exclusão

## **PÁGINA** promoveu **colóquio**

O próximo século de República está nas nossas mãos

**Manuel Loff** A política educativa da República era profundamente democrática na sua concepção. Outra coisa foi a sua aplicação | **Hernández Díaz** Los profesores son el eje decisivo de cambio. Sin buenos profesores no es posible lograr éxito educativo | Portugueses mantêm ideia tradicionalista face à pobreza

# a ágina da educação

## PROMOÇÃO de LANÇAMENTO válida em 2010


Assinar a página da educação é cómodo, económico e seguro

Ao assinar a página da educação, em vez dos 4 euros, pague apenas por número

**2,50 euros** na assinatura por **DOIS** anos

**3,00 euros** na assinatura por **UM** ano

Esta é uma forma cómoda, económica e segura

de receber em casa a sua a ágina  
e de fazer parte do colectivo de da educação

Assinatura	Preço por número	Números por assinatura	Valor a pagar por assinatura
1 Ano	3,00 euros	4 números	12 euros <i>Recebe 4 paga 3</i>
2 Anos	2,50 euros	8 números	20 euros <i>Recebe 8 paga 5</i>

Contactos para assinaturas:

Telefone:

226 002 790

Correio electrónico:

apagina@apagina.pt

assinar a ágina

pensar o ensino e a educação

reinventar o sistema educativo

O futuro é agora!



DIRECTORA: Isabel Baptista | DIRECTORA  
ADJUNTA: Ana Brito Jorge | EDITOR: António  
Baldaia

CONSELHO EDITORIAL: Américo Nunes  
Peres, Ariana Cosme, Fátima Antunes, Fernando  
Santos, Henrique Borges, Paulo Teixeira de  
Sousa, José Rafael Tormenta, Rui Trindade

REDACÇÃO: Ricardo Jorge Costa, Teresa Couto  
(fotografia)

COLABORAM NESTA EDIÇÃO: Gonçalo  
Moreira da Silva (capa), Humberto Lopes, José  
Paulo Oliveira, Maria João Leite

SECRETARIADO DA REDACÇÃO: Sílvia Enes  
CONTACTOS: Telefone (00 351) 22 600 27 90  
Fax (00 351) 22 607 05 31 | E-mail: redacao@apagina.pt

EDIÇÃO IMPRESSA: Trimestral, publica-se no  
1.º dia de cada estação do ano | Preço de capa: 4 €  
| Tiragem desta edição: 19.000

PRODUÇÃO GRÁFICA: Multiponto, S.A. |  
EMBALAGEM: Notícias Direct | DISTRIBUI-  
ÇÃO: Logista Portugal – Distribuição de Publi-  
cações, S.A.

EDIÇÃO DIGITAL: <http://www.apagina.pt>

Cumprindo o Estatuto Editorial, a PÁGINA res-  
peita e publica as variantes do Português,  
Mirandês, Galego e Castelhana. São traduzidos  
para Português os textos escritos noutras línguas.

Registo na ERC n.º 116.075 | Depósito Legal n.º  
51.935/91 | ISSN 1647-3248



PROPRIEDADE: Profedições, Lda. | Contri-  
buinte n.º 502 675 837 | Capital Social: 5.000  
euros | Registo na Conservatória Comercial do  
Porto: 49.561

SEDE: Rua D. Manuel II, 51/C – 2.º (sala 25)  
4050-345 PORTO (Portugal)

COMPOSIÇÃO DO CAPITAL DA ENTI-  
DADE PROPRIETÁRIA: Sindicato dos Profes-  
sores do Norte, 90% | Abel Macedo, 5% | João  
Baldaia, 5%

CONSELHO DE GERÊNCIA: Carlos Midões |  
João Baldaia

SECRETARIADO DA ADMINISTRAÇÃO / PUB-  
LICIDADE / ASSINATURAS: Telefone: 22 600 27 90  
| Fax: 22 607 05 31 | E-mail: [apagina@apagina.pt](mailto:apagina@apagina.pt) |  
Livros: [livros@profedicoes.pt](mailto:livros@profedicoes.pt)



Associação Portuguesa de Imprensa, API

# sumário



## editorial

A mudança necessária e desejada é possível  
*Isabel Baptista* ..... pág. 4

## MANUEL LOFF



"Sublinho que me parece particularmente paradoxal o momento específico, a conjuntura histórica na qual estamos a comemorar os 100 anos da República, em que o poder político e económico actua contra os cidadãos, desejando que não reflectam, que não reajam, que aceitem passivamente decisões que constituem verdadeiros ataques aos seus direitos enquanto cidadãos. De um exército de cidadãos falava a República há um século. Hoje há, nitidamente, um ataque feroz, de um despotismo pseudo-económico, sobre os cidadãos. Isto é claramente anti-republicano".

..... pág. 6

## república

Mulheres da 1ª República: a (nossa) dívida  
No es justo, no es lógico que el trabajo tenga que realizarse a costa de la familia, de la salud o del descanso. Hay que decir basta. Alguien tiene que poner coto a esta insensatez progresiva.  
*Ana Brito Jorge* ..... pág. 13

Viagem aos ideais republicanos  
O valor do indivíduo, a formação dos cidadãos, o papel dos professores ao longo dos 100 anos da República, foram temas centrais do colóquio "Educação e Res Publica", promovido pela PÁGINA.  
*Maria João Leite* ..... pág. 16

Professor, profissão de futuro  
Ser professor é uma profissão de futuro – ainda que uma das marcas mais dramáticas do presente profissional seja, precisamente, uma enorme falta de confiança no futuro.  
*Mário Nogueira* ..... pág. 20

O debate e a acção devem prosseguir  
O debate e a acção devem prosseguir em torno da educação e da *res publica*, em torno da educação no espaço público. Por nós, prosseguirão.  
*Ana Brito Jorge* ..... pág. 24

## formação e trabalho

Ainda a República: o analfabetismo  
Fechou-se o ciclo do centenário, mas talvez venha ainda a propósito invocar algumas questões em aberto entre Educação e República. Uma delas é a do analfabetismo.  
*Manuel Matos* ..... pág. 25

## entrelinhas e rabiscos

Ensino e política de significações  
Museus, teatros, jornais, laboratórios, fábricas, centros de dia, ou simplesmente o jardim ou a caixa registadora do bar da escola, e enfim, a rua em que moramos, são potenciais espaços e tempos de aprendizagem.  
*José Rafael Tormenta* ..... pág. 26

## discurso directo

As palavras, ainda...  
Este é um tempo em que teremos de entender, definitivamente, que o rigor terá de ser assumido como instrumento estratégico de acção e de resistência política.  
*Ariana Cosme e Rui Trindade* ..... pág. 28

## da ciência e da vida

Por que faltam professores de Matemática em Portugal?  
Ninguém pode ser considerado professor pelo facto de se ter candidatado a um concurso, mesmo que esporadicamente tenha dado aulas em substituição de um professor.  
*Jaime Carvalho e Silva* ..... pág. 30

## reconfigurações

A universidade neoliberal, a crise e a solidiedade  
No Reino Unido já se acena com a privatização do Ensino Superior. Na Colômbia, o académico Miguel Beltrán recusou-se a ficar calado face à repressão e está detido desde Maio.  
*Mário Novelli* ..... pág. 32

# A patologização da diferença em territórios escolares

Se o aluno diferente for enviado sistematicamente para o psicólogo da escola, a intenção de mediar tensões e diversidades pode resultar numa visão dos territórios mais próxima de um hospital de problemas sociais do que de uma *escola para todos*.

## Ana Vieira

Centro de Investigação Identidade(s) e Diversidade(s), Instituto Politécnico de Leiria

## Ricardo Vieira

Centro de Investigação Identidade(s) e Diversidade(s) e Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Instituto Politécnico de Leiria

Mediar tensões, resolver conflitos, lidar com a diversidade na Escola, de forma inclusiva, sem gerar desigualdade, é hoje ponto assente para a concretização de uma "escola para todos".

A ideia da mediação de conflitos, as pedagogias inclusivas, inter/multiculturais e flexíveis são voz corrente nos teóricos da Educação e no discurso quotidiano de professores e outros agentes educativos.

Contudo, entre a intenção e a concretização, entre o dizer e o fazer, vai, por vezes, demasiada distância e alguma

contradição. É vulgar ouvirmos falar do professor mediador, mas, provavelmente, o sentido da mediação descai mais para a visão do problema no aluno em si, como se duma essência se tratasse, do que para a mediação das tensões sociais resultantes do convívio entre pessoas heterogéneas quer do ponto de vista cultural, quer do ponto de vista comportamental. E a montante do conflito na Escola, que existe, é facto, há, tantas vezes, rotulagem de diversidades que são classificadas como problema, quando, na verdade, o que se passa é a ausência

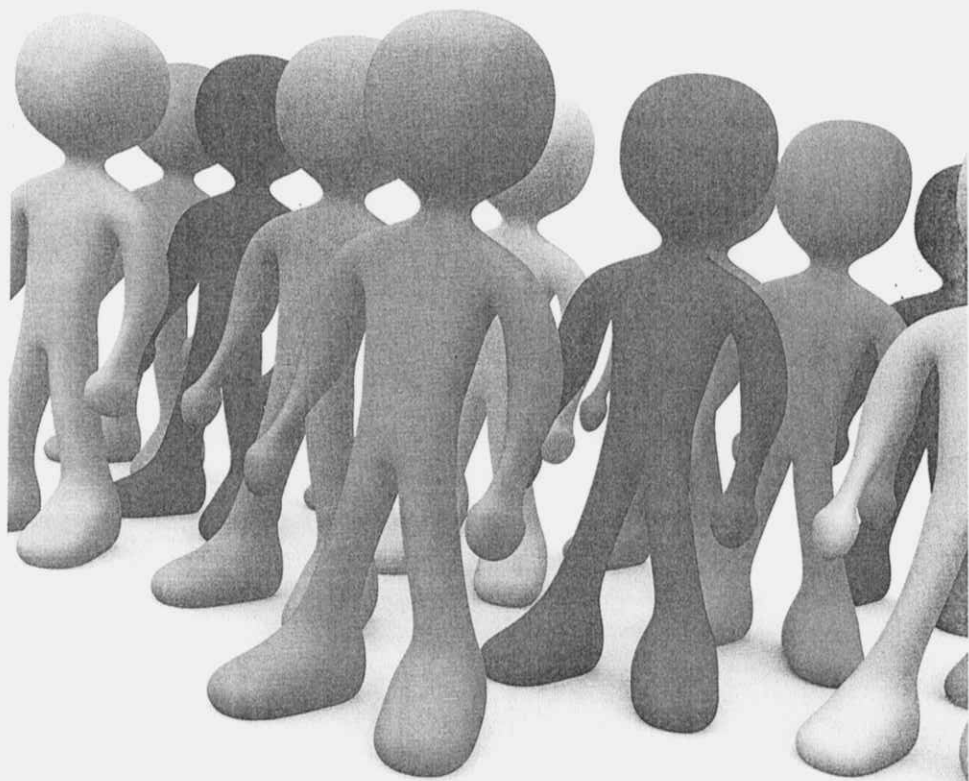
de diálogo entre as partes, que, por ser difícil, poderá ser facilitado quer por professores, quer por profissionais sociais, quer mesmo por alunos mediadores.

Mas não se trata de abolir as tensões inevitáveis a qualquer vida em grupo: "O conflito é para ser vivido, e não evitado ou, mesmo, solucionado. Pensar diferente e sentir diferente é inerente às relações humanas e potencialmente fonte de crescimento. Discutir essas diferenças, aduzir argumentos, mostrar que não pensamos da mesma forma é absolutamente saudável" (Maria Emília Costa, *Gestão de conflitos na escola*).

No trabalho de campo que temos realizado em territórios escolares, seja em Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP), seja em territórios que reivindicam gabinetes constituídos por equipas multidisciplinares para fazer apoio ao aluno e à família (GAAF), temos concentrado no modo como os professores e directores concebem a prática dos profissionais sociais que reivindicam para dentro da Escola em conjugação com o papel educativo dos docentes.

Numa conversa sobre a multiplicidade de funções que um professor tem de desempenhar, o director de um agrupamento de escolas que há muito tem sustentado uma *Oficina de Comportamento* como espaço de mediação sociopedagógica dizia: "O professor tem que, forçosamente, ser um mediador; o professor tem de ser um gestor de conflitos. Está na moda, mas tem que ser um gestor de comportamentos, tem que ser um gestor de atitudes e um gestor de relações humanas".

Muitos professores entendem que esse trabalho que se estenderia aos intervalos e ao percurso entre a Família e a Escola é demasiado para o professor que está carregado de tarefas burocráticas para além das pedagógicas. Reivindicam técnicos especializados para essa mediação, que, convém (re)lembrar, antes de ser sociopedagógica e antes de ser de conflitos, é sociocultural.



Mas não é líquido que mesmo esses técnicos, que existem nos TEIP e nos GAAF, sejam representados como algo que se enquadre para além dessa milagrosa ideia de resolver os conflitos, como se de uma doença se tratasse. Alguns assistentes sociais que trabalham nesses territórios estão a tentar dar esse passo para além da psicologização do problema que é apontado ao aluno: "Já tinham um GAD [gabinete de apoio disciplinar] constituído só por professores que recebia os alunos expulsos da aula. Mas começaram a ver que as questões disciplinares tinham causas sociais e que não tinham capacidade, nem tempo, nem formação para tratar assuntos com toda essa amplitude".

No contexto de um TEIP, tem-se assistido a uma tentativa de alteração dessa representação de patologização das questões disciplinares, como nos refere um dos professores responsáveis: "Os psicólogos, hoje, são perfeitamente aceites na escola.

Mas, inicialmente, havia aquela ideia estigmatizada que era para tratar daqueles casos dos malucos, dos que não 'batem bem' e vão para o psicólogo. Hoje em dia, procuramos mudar esta atitude. O psicólogo está ali para trabalhar com os directores de turma e com outros técnicos. Evitamos que se fale em enviar ao psicólogo sempre que surge algum caso mais complicado. Tudo deve ser resolvido em rede".

Mas são mudanças que não são fáceis de operar. Se, efectivamente, o aluno diferente for enviado, sistematicamente, para o psicólogo da escola, ou para o GAAF, dos efeitos da intenção de mediar tensões e diversidades pode resultar, por vezes, uma visão do TEIP ou do GAAF mais perto de qualquer coisa como um hospital de problemas sociais do que de uma *escola para todos* que constrói estratégias de diferenciação pedagógica e social. ↗